

CARTOGRAFIA ESCOLAR: PELA VALORIZAÇÃO DO TERRITÓRIO CAMPONÊS

School Cartography: For the Valorization of Peasant Territory

¹Ana Cecília de Andrade Rego

²Sara Carolina Batista Foggia

³Jorge Augusto Almada Justino

RESUMO

Este estudo analisa o uso pedagógico do território na Escola Municipal Olimpya Angélica de Lima, no Assentamento União dos Buritis (GO), por meio da Pesquisa Participante e Cartografia Escolar. Os resultados mostram que integrar o território às práticas educativas fortalece a Educação do Campo, aproxima escola e comunidade e contribui para a formação crítica dos sujeitos, em diálogo com os princípios da geografia agrária.

Palavras-chaves: Cartografia; Geografia Agrária.

INTRODUÇÃO

A Educação do Campo configura-se como uma abordagem pedagógica que visa responder às especificidades, necessidades e contextos das populações rurais. Essa perspectiva reconhece a diversidade cultural, social, econômica e ambiental presente nas áreas rurais, buscando promover uma educação que valorize os saberes tradicionais, as práticas culturais locais e, simultaneamente, contribua para o desenvolvimento sustentável dessas comunidades.

Dessa forma, o território é concebido como um espaço de vivência, de produção de saberes e de articulação entre conhecimentos tradicionais e científicos. A valorização da identidade cultural, o fortalecimento da cidadania rural e o empoderamento das comunidades constituem pilares centrais dessa proposta educativa. Nesse sentido, a Educação do Campo propõe uma abordagem formativa que contribua para o desenvolvimento integral dos sujeitos, articulando escalas locais e globais, e promovendo a justiça social no campo.

A articulação entre as categorias “Educação do Campo” e “Território”, analisadas em suas dimensões teóricas e práticas, assume relevância estratégica para o desenvolvimento local em áreas rurais. No caso do município de Goiás, destacam-se a Escola Municipal Olimpya Angélica de Lima e os Assentamentos Rurais União dos

Buritis, São Carlos, Buriti Queimado e Bom Sucesso, os quais compõem um território de significativa importância socioeconômica, passível de ser fortalecido por políticas públicas voltadas à agricultura familiar camponesa.

Assim, o objetivo geral do presente estudo é compreender de que forma a categoria território é incorporada, de maneira pedagógica e prática, na organização e consolidação da Escola Municipal Olimpya Angélica de Lima como um polo estruturante para o desenvolvimento local no espaço rural.

A Escola Municipal Olimpya Angélica de Lima atende cerca de 60 estudantes, do agrupamento IV ao nono ano do ensino fundamental. Os estudantes são filhos e filhas de trabalhadores rurais que residem tanto nos assentamentos próximos, quanto em fazendas e pequenas propriedades da região.

METODOLOGIA

As reflexões teóricas e análises aqui desenvolvidas são fruto de ações metodológicas fundamentadas na Pesquisa-Ação, conforme proposto por Thiollent (1986), realizadas no âmbito do projeto **"Escola Agroecológica: educando a partir da sociobiodiversidade"**. Esse projeto foi implementado na Escola Municipal Olimpya Angélica de Lima, localizada entre os Assentamentos São Carlos e União dos Buritis, no município de Goiás, inserida em um território marcado pela organização camponesa e pela prática da agricultura familiar.

As atividades foram desenvolvidas com estudantes do Ensino Fundamental II (6º ao 9º ano) e tiveram como eixo estruturante o processo de territorialização da escola e de seu entorno imediato, mobilizando diferentes escalas de análise espacial. A delimitação do território, nesse contexto, extrapola o caráter técnico e passa a constituir um instrumento pedagógico, promovendo o reconhecimento dos sujeitos do campo enquanto agentes ativos na construção do espaço geográfico.

[...] o croqui [...] é o esboço de uma área real, representando os elementos sem muita preocupação com as medidas e as distorções. O que importa é mostrar os elementos que estão sendo observados no local, seu grau de importância e a disposição dos mesmos, uns com relação aos outros (Pissinatti; Archela, 2007, p. 190)

Foram utilizados instrumentos como trenas, para a medição das estruturas físicas da escola (salas de aula, biblioteca, refeitório, entre outros), aparelhos de GPS para a marcação georreferenciada de pontos estratégicos, drones para a captação de imagens aéreas e, também, a elaboração de croquis — estes últimos configurando-se como metodologias que possibilitam a leitura crítica e sensível do território vivido, visando uma maior apropriação do mesmo por parte dos estudantes. Tais práticas se articulam à concepção de território como categoria central da Geografia Agrária, compreendido não apenas como base física, mas como espaço de reprodução social, de relações de poder, de práticas produtivas e de identidade cultural.

A utilização dos croquis e das imagens geradas por drones teve dupla função: de um lado, promover a visualização ativa do território pelos estudantes, estimulando a percepção espacial e a compreensão das dinâmicas locais; de outro, gerar subsídios concretos para o planejamento participativo do espaço escolar. Os produtos

resultantes da Pesquisa-Ação — croquis, mapas e imagens georreferenciadas — foram utilizados em atividades de planejamento para reorganização e uso do território escolar, respeitando as demandas expressas pela comunidade escolar e as especificidades do contexto agrário local.

Desse modo, a experiência evidenciou o potencial da cartografia escolar como ferramenta de mediação entre o conhecimento geográfico e a prática educativa crítica, contribuindo para a formação de sujeitos conscientes de seu papel na transformação do território camponês, para o fomento de políticas públicas para populações camponesas e para o fortalecimento de processos de desenvolvimento territorial sustentado.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A Educação do Campo, enquanto prática pedagógica e processo histórico, emerge das lutas sociais protagonizadas pelos sujeitos do campo. Segundo Camacho (2018; 2019), ela atua como ferramenta estratégica na resistência à expansão do capital no meio rural, sobretudo por meio do avanço do agronegócio. Nessa perspectiva, a Educação do Campo constitui uma forma de resistência territorial e, ao mesmo tempo, uma estratégia de reterritorialização ou recamponização, isto é, um instrumento que fortalece a permanência e a autonomia das famílias camponesas em seus territórios.

Para compreender a Educação do Campo em sua complexidade, é necessário situá-la historicamente. Um de seus marcos inaugurais ocorre em 1997, com a realização do I Encontro Nacional de Educadores da Reforma Agrária (I ENERA), promovido pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), em parceria com a Universidade de Brasília (UnB) e o Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF). Esse encontro consolidou os fundamentos políticos e pedagógicos da Educação do Campo, fundamentados no direito à terra, na justiça social e na valorização dos saberes do campesinato (FERNANDES, 2004; CAMACHO, 2017, 2018; VIEIRA; CAMACHO, 2020).

É a partir dessa trajetória histórico-política que se insere o presente projeto, desenvolvido por meio de uma pesquisa-ação na Escola Municipal Olimpya Angélica de Lima, localizada entre os Assentamentos São Carlos e União dos Buritis, município de Goiás. A proposta teve como eixo central a produção do conhecimento territorial por meio da cartografia escolar crítica, integrando vivências cotidianas dos/as estudantes e práticas pedagógicas voltadas à leitura e apropriação do espaço vivido.

A metodologia adotada seguiu o princípio do "particular para o geral", iniciando-se com a representação de estruturas físicas da escola (salas de aula, biblioteca, refeitório, entre outros) por meio da elaboração de croquis, após medições precisas. Posteriormente, foram realizados levantamentos com GPS para a marcação de pontos significativos do território escolar, como áreas de plantio, hortas, pomares e espaços de convivência. Complementarmente, foram utilizados drones para a obtenção de imagens aéreas que auxiliaram na visualização ampliada do espaço e subsidiaram o planejamento coletivo para o uso e reorganização do território escolar.

Esse processo de mapeamento participativo visou compreender a escola não apenas como um espaço de ensino acadêmico formal, mas como território formativo integral — lugar de desenvolvimento de competências/habilidades sociais, produtivas, afetivas e ambientais. A agroecologia foi incorporada como eixo transversal das práticas pedagógicas, permitindo aos estudantes uma compreensão crítica dos impactos socioambientais da agricultura convencional e incentivando a construção de alternativas sustentáveis enraizadas nos princípios da agricultura familiar camponesa e preservação do Cerrado.

Os resultados da pesquisa e das ações de extensão evidenciam que o envolvimento coletivo de estudantes, educadores/as e técnicos/as administrativos da Escola Municipal Olimpya Angélica de Lima resultou em uma apropriação mais profunda, consciente e integrada do território escolar. Entre as ações concretizadas destacam-se a implantação de horta agroecológica, o planejamento de áreas para cultivos temporários, a destinação de resíduos recicláveis e a criação de espaços de compostagem. Tais atividades foram acompanhadas por discussões coletivas sobre o uso do território, fortalecendo o papel da escola como polo organizador do espaço camponês.

Além disso, o aprofundamento na leitura do território possibilitou o surgimento de novas demandas e iniciativas, como a ampliação das áreas de cultivo e a sistematização do manejo de resíduos. Essas ações expressam, em escala local, o que Rosset (2017, p. 126) destaca como um desafio central para a Geografia Agrária contemporânea: “pensar como as Escolas do Campo poderiam funcionar como eixo de ação nos processos territoriais de desenvolvimento local e regional”.

A experiência desenvolvida na Escola Municipal Olimpya Angélica de Lima revela que é possível integrar educação, território e agroecologia como práticas pedagógicas transformadoras. Os resultados aqui apresentados representam sementes lançadas em um terreno fértil, que devem ser cultivadas para que as Escolas do Campo se consolidem cada vez mais como centros de organização territorial, de resistência camponesa, de enraizamento dos jovens no campo e de construção de futuros sustentáveis no campo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo evidenciar a importância da valorização do campesinato, compreendendo a escola como um agente fundamental na formação crítica dos sujeitos do campo e na construção de perspectivas de futuro enraizadas no território rural. A partir de uma abordagem educacional articulada às dinâmicas socioterritoriais do meio rural, busca-se promover nos(as) estudantes a consciência de que o desenvolvimento pessoal e coletivo não está condicionado ao deslocamento para os centros urbanos, mas pode ser alcançado por meio da valorização dos saberes locais, da agroecologia, do empoderamento de políticas públicas e do protagonismo no espaço onde vivem. Nesse sentido, o contato direto entre educação e território fortalece o sentimento de pertencimento e reafirma a escola como espaço estratégico para o desenvolvimento sustentável, a autonomia e a garantia de uma vida digna no campo.

REFERÊNCIAS

- CALDART, R. S. Educação do Campo. Dicionário da Educação do Campo, p. 258-267. 2012. CAMACHO, R. S.; VIEIRA, J. M. Pedagogia do Movimento e Educação do Campo: Produtos/Produtoras da Resistência Territorial Camponesa. Revista Franco-Brasileira de Geografia, v. 50, 2021.
- PISSINATI, M. C.; ARCHELA, R. S. Fundamentos da alfabetização cartográfica no ensino de geografia. Geografia, v. 16, n. 1, jan./jun. 2007.
- THIOLLENT, M. Metodologia da Pesquisa Ação. 2 ed. São Paulo: Cortez, 1986.